



andrepomponet

Literatura - Contos Postado em Dez 20, 2020

Pedra

– E aí, rapaz? Lembra de mim?

Hesitou um instante: aquela barba crespa, esbranquiçada, as rugas disseminadas em torno dos olhos, a pele crestada pelo sol, tudo embaralhava as lembranças. O fio de memória que se insinuava não dissipou as incertezas. Aguardou.

– É Alex. Lembra que eu e Claudinho te defendíamos quando Júnior tentava te bater?

Aquilo era mentira, mas as dúvidas se dissiparam. A criança zombeteira rompeu as brumas da memória, avançou algumas décadas e se materializou ali, na mesa do restaurante, naquelas feições corroídas pelas asperezas da vida. À sua frente o copo de cerveja exigindo atenção e ele desperdiçando o sábado num indesejado encontro com o passado. Percebeu, de soslaio, as roupas puídas, encardidas, o olhar arisco. Esperou:

– Soube que Júnior morreu?

Negou com a cabeça. Explicou que morava fora, ficou muitos anos afastado daquelas cercanias, só aparecia por ali quando visitava o pai. O outro retomou a ofensiva:

– Era esquentado, você sabe como era, arranjou confusão, acabaram matando – arrematou, com um tom de pesar na voz.

Claudinho, o outro protagonista daquela conversa fúnebre, também morreu: sentado na cadeira plástica de uma birosca imunda. Lá, vagabundos apostavam dinheiro miúdo nas cartas de um baralho seberto. Ajuste de contas: cinco ou seis tiros. Dois motoqueiros – nunca identificados – fizeram o serviço.

– Eu sabia... – Entornou um gole largo, estoico, farejando os desdobramentos daquela conversa.

A mãe daquele desgraçado que estava ali, diante dele, também morreria. E a própria mulher, em quem fizera três filhos. Contava tudo com calculado pesar. Era Sábado de Finados, mas o dia era radioso. Aquela sobreposição de lutos diluiu um pouco a luz do início da tarde.

de inimagináveis imundícies. Inúmeras queimaduras deformavam os dedos, um dos indicadores era mais curto, chamuscado, desfigurado. “Trabalho como peão”, alegou, abespinhado com o exame minucioso. O outro espichou o olhar, viu o garçom surgir com o porco assado, a carne desprendendo um cheiro convidativo. Que fazer? A escuridão que aqueles lutos invocavam não se dissipava. Examinou o rosto zombeteiro, que ensaiava um sorriso sarcástico. O garçom servia o feijão tropeiro, as batatas apimentadas, a salada vinagrete.

– Olha, toma aqui – sacou uma nota de 20, lamentando que não tinha trocado. O outro, surpreso, sustentava o sorriso de dentes escurecidos, carcomidos. Será que fumava pedra de crack? Recolheu a cédula, estupefato com a generosidade imprevista. E foi ficando na mesa, examinando a carne, a cerveja gelada, amarelada, no copo americano. Só faltava pedir um copo, escalar-se para aquele banquete inesperado, mastigar desfiando mais ainda o leque de finados.

Naquele silêncio interminável os mortos se insinuavam em meio à névoa da memória. Lembranças infantis emergiam, misturando-se àquela tarde de Finados enlutada. O espectro permanecia com a cédula na mão, disposto a despejar mais mortos naquela conversa pontuada por silêncios. O constrangimento crescia. Que fazer? Melhor investir nele, aprofundá-lo, mesmo com a comida disposta ali à frente, esfriando.

– Vou andando. Não te atrapalho mais – encerrou o desgraçado, percebendo que investir naquela escorcha era demais. Teria fome? Levantou o corpo andrajoso, contornou as mesas plásticas amarelas e saiu tropeçado nas sandálias de dedo. Os olhos vívidos denunciavam os planos para aquela cédula que levava na mão cerrada.

Atrás de si deixou a névoa de luto que o sol incandescente a custo foi diluindo na tarde de Finados.

[Curtir 0](#)[Compartilhar 0](#)[Salvar](#)[Anterior](#) [Próximo](#)

Atualizado em: Sex 1 Jan 2021

Deixe seu comentário
É preciso estar "logado".

AUTORES.COM.BR



Autores.com.br
588 curtidas

Curtiu

Cadastre-se



Autores.com.br

há cerca de 4 anos



Autores.com.br

Curitiba - PR

webmaster@number1.com.br



WhatsApp (41) 99115-5222

desenvolvido por number1.com.br